

Introdução

Esta tese, integrada à pesquisa *Formação de Profissionais da Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro: concepções, políticas e modos de implementação*,¹ se situa nos campos da Educação Infantil, políticas públicas, infância e linguagem. Tem como preocupação central conhecer as concepções de infância, linguagem e Educação Infantil, que permeiam os discursos e as práticas das diferentes instâncias da Educação Infantil da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro.

Os discursos que versam sobre infância, linguagem e Educação Infantil e que vão constituindo a formação dos profissionais de Educação Infantil são produzidos em diferentes instâncias e são apropriados pelas políticas públicas e pelos profissionais de forma variada. Entre o acesso às informações, discussões e as possibilidades de troca e de conseqüente apropriação há um percurso não linear que, além de depender das condições de produção, conta com avanços e retrocessos das políticas públicas e do próprio sujeito. Histórias individuais se entrelaçam às do contexto sócio-histórico, pois nas falas de cada sujeito emergem as coletivas e nas coletivas destacam-se vozes singulares. Porém, cada fala ouvida ou pronunciada se situa num lugar e faz uso de um gênero do discurso específico adequado a cada esfera de atividade humana (Bakhtin, 1992).

Tendo como ponto de partida a complexidade da esfera da atividade humana com as suas amplas possibilidades de discurso, tomo como referência para este estudo os discursos orais e escritos produzidos sobre infância, linguagem e educação infantil em três instâncias²: (i) macro-social, sob a forma de textos legais e teorias, os discursos são traduzidos em políticas e propostas oficiais; (ii) meso-social, os discursos são as propostas e tendências pedagógicas, situadas historicamente, sua difusão acontece nas instâncias de formação dos profissionais e nos diferentes grupos os quais eles se inserem; (iii) micro-social, os discursos trazem as concepções dos profissionais sobre seu trabalho e as crianças e se efetivam nas práticas que acontecem na escola. Minha intenção foi conhecer, através de diferentes fontes bibliográficas e das

¹ desenvolvida no Departamento de Educação da PUC-Rio, sob a coordenação da professora Sonia Kramer

² Estas instâncias foram discutidas no grupo de pesquisa a partir da análise das entrevistas coletivas. Ver *As entrevistas: leitura preliminar dos diários de campo e das transcrições*. In **Relatório de Pesquisa: Formação dos Profissionais de Educação Infantil: concepções, políticas e formas de implementação**, PUC-Rio, jan.2001, p.95-127.

falas de profissionais que atuam na Educação Infantil da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro como as instâncias macro, meso e micro se articulam e nas práticas.

Segundo Bakhtin (1998), nossos discursos são repletos de palavras do outro. A maioria das informações e opiniões que emitimos se referem a uma fonte e ao transmitirmos as palavras alheias, formulamos o discurso não apenas usando o que gramaticalmente chamamos de discurso indireto, mas fazemos nossas introduções, seleções e acentuações. Quem fala a palavra do outro tem seus interesses e intenções e usa procedimentos de transmissão variados, tanto no que concerne ao gênero quanto no que concerne ao enquadramento interpretativo – *desde a literalidade direta na transmissão até a deformação paródica premeditada da palavra de outrem e sua deturpação*(p.140). E é por isso que o autor chama a atenção para o fato de que, por maior que seja a precisão com que é transmitido, de acordo com o contexto, o discurso do outro passa por *notáveis transformações de significado. Por isso, ao se estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual (dialógico): um se relaciona indissoluvelmente ao outro* (Bakhtin, 1998, p.141)

Os discursos produzidos em cada uma das três instâncias (macro, meso e micro sociais) além de conterem palavras alheias, têm sua forma de articulá-las, de transmiti-las e de torná-las próprias, e os significados que podem ser produzidos a partir destes discursos dependem do contexto em que são proferidos. E mais ainda, o autor acrescenta que se os discursos se colocam no nível ideológico de formação do homem, com a intenção de definir atitudes e comportamentos, como é o caso de muitos discursos pedagógicos, a palavra pode surgir de duas formas; como *autoritária* (dogmática, monossêmica, sem possibilidade de réplica) ou como *palavra interiormente persuasiva* (dialógica, contemporânea, inacabada, aberta, polissêmica). Portanto, em cada uma das instâncias há condições de produção dos discursos que precisam ser conhecidas para se analisar não apenas que discursos foram apropriados pelos profissionais que atuam na Educação Infantil, mas também como o foram. Pois, só como *palavra interiormente persuasiva* é que o discurso é realmente apropriado pelo sujeito, permitindo transformações na sua forma de pensar e de agir, constituindo o seu processo de formação. O discurso autoritário, sendo engessado e sem possibilidade de réplica, é interiorizado como dogma,

destituindo o sujeito de autoria, o que leva um agir tutelado por prescrições, sem efetivas transformações do sujeito.

Esta pesquisa tem como objetivo central conhecer e analisar concepções de infância, linguagem e letramento presentes nos discursos dos profissionais envolvidos com a Educação Infantil da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro e como estes discursos se articulam nas práticas.

Para situar as condições de produção dos discursos dos profissionais, a pesquisa se propôs a: (i) conhecer e analisar as concepções de infância e de educação infantil, construídas historicamente, e como as políticas públicas brasileiras, especialmente, as do município do Rio de Janeiro vêm tratando destes temas ao longo das últimas décadas; (ii) discutir as concepções de linguagem e suas implicações para a educação infantil; (iii) conhecer e analisar a estrutura político-pedagógica-administrativa da Educação Infantil da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, frente à diversidade sócio-histórico-cultural em que estão inseridos os seus atores.

Antes de discutir os procedimentos metodológicos que compuseram a pesquisa, gostaria de destacar que assumo uma abordagem sócio-histórica de pesquisa que percebe os sujeitos como *históricos, datados, concretos, marcados por uma cultura os quais criam idéias e consciência ao produzir e reproduzir a realidade social, sendo nela ao mesmo tempo produzidos e reproduzidos* (Freitas, 2000, p. 2).

Esta metodologia percebe que o espaço principal da reflexão das ciências humanas está na linguagem, no questionamento dos seus diferentes discursos, na compreensão da realidade como um produto das ações humanas no mundo, permeada de sentidos construídos coletivamente, sempre renovados e renascidos na relação como o outro, portanto, provisórios. Usando as palavras de Bakhtin (1992a):

O sentido é potencialmente infinito, mas só se atualiza no contato com outro sentido (o sentido do outro), mesmo que seja apenas no contato com uma pergunta no discurso interior do compreendente. Ele deve entrar em contato com outro sentido para revelar os novos momentos da sua infinidade (assim como a palavra revela suas significações somente num contexto). O sentido não se atualiza sozinho, procede de dois sentidos que se encontram e entram em contato (p. 386).

O autor ainda diz que a complexa relação com a palavra do outro em todas as esferas da cultura e da atividade, impregna toda a vida do homem e que as ciências humanas por muito tempo ignoraram o complexo acontecimento do encontro e da interação com a palavra do outro. *Como ciências que versam*

sobre o espírito seu verdadeiro objeto é a inter-relação e a interação dos "espíritos" (p.385). Portanto, entre pesquisador e pesquisado estabelece-se uma relação entre sujeitos e não uma relação entre sujeito e objeto. E sujeitos não podem ser percebidos nem estudados como coisas, pois têm voz e na interação vivem um processo dialógico, bastante distinto da perspectiva monológica da relação entre sujeito e objeto. Isto muda o eixo da pesquisa que passa da explicação, produto de uma só consciência, para a compreensão que é justamente a produção de sentido a partir dos signos presentes em todos os atos humanos e recriados nas interações. *Estudando o homem em todas as partes buscamos e encontramos signos e tratamos de compreender o seu significado* (Freitas, 2000, p. 5).

Nas Ciências Humanas, o pesquisador, diante das inúmeras questões que desafiam os seus saberes, mobiliza diferentes espaços de interlocução e penetra no espaço dialógico do sentido. Sua busca, pela compreensão das suas questões se faz na, pela e através da sua palavra e da palavra do outro, dos muitos outros (que são os seus interlocutores), nos ditos e não ditos, no presumível, nas dobras e intervalos. Compreendo com Bakhtin (op.cit) que:

Indentado: Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro... Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento. O problema da grande temporalidade (p. 413-414).

Os sentidos renascidos em cada enunciação e em cada ato de compreensão, tendo a narrativa como contexto dialógico, rompem o tempo linear, atualizando o passado no presente e se lançando para o futuro, se ampliando. Desta forma, Walter Benjamin (1993), ao criticar a modernidade, anunciando a morte da arte de narrar, revela a potencialidade da narrativa na constituição da subjetividade e na ampliação de significados pelo ouvinte que, se vendo implicado pelo fato narrado, dá continuidade ao texto do narrador prosseguindo a sua história, num intercâmbio de experiências, que estreita os laços da coletividade. A narrativa, diferentemente da informação, deixa o ouvinte livre para interpretar a história como quiser. Com isso, o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação, que é explicativa, pois pode ser revisitado e re-significado pelo ouvinte.

Embora hoje cada vez tenhamos menos tempo para esse intercâmbio de experiências e até mesmo para viver a experiência, pela vida que corre em

sucessivas vivências sem deixar marcas, buscando na memória, certamente encontraremos histórias construídas ou ouvidas em diferentes momentos, com vozes polifônicas, justapostas, sobrepostas e até impostas. O próprio pensar a existência, nossa história de vida, não seria uma soma de narrativas que fazemos de nós mesmos e/ou que recebemos dos outros?

E se o dialogismo de Bakhtin e a narrativa de Benjamin trazem a força da palavra do outro na construção dos sentidos e da própria subjetividade, os estudos de Vygotsky (1991) mostram a estreita e indissociável relação entre pensamento e linguagem. O autor afirma que o significado das palavras é ao mesmo tempo um ato de pensamento e parte inalienável da palavra, pertencendo tanto ao domínio da fala quanto do pensamento. A palavra internalizada torna-se instrumento do pensamento - o “discurso interior” que, diferentemente do exterior, tem sua sintaxe própria, é mais sintético e condensado. Portanto, não se distingue da fala exterior e socializada apenas pela falta de vocalização. *O pensamento não é expresso em palavras, mas é através delas que passa a existir* (Vygotsky 1993, p.108). Sendo assim, para o autor, pensamento e linguagem são indissociáveis e suas inter-relações acontecem nos significados das palavras que, por sua vez, não são fixos, se modificam e se constroem historicamente nas inter-relações sociais. Como instrumento básico do homem, com a função de intercâmbio social e de pensamento generalizante, a linguagem atua não só no nível interpsíquico, mas também no intrapsíquico, influenciando diretamente na construção e alteração das funções mentais superiores. Desta forma, os sistemas de signos produzidos culturalmente não só interferem na realidade, mas também na consciência do indivíduo sobre esta.

Estes três teóricos que se complementam, Mikail Bakhtin, Walter Benjamin e Lev Vygotsky são pontos de partida de uma linha de pesquisa sedimentada no Departamento de Educação da PUC-Rio, a qual me insiro.

Estes autores, ao discutem a linguagem na sua dimensão expressiva e histórica, trazem os múltiplos sentidos da palavra e vêem o homem como sujeito social, ativo e produtor de sentido. Colocam assim, o espaço das inter-relações sociais como lugar de constituição da consciência, desenvolvimento e formação.

Este estudo, como a pesquisa institucional, fundamenta-se teoricamente *na produção relativa à história e política da educação da criança de 0 a 6 anos; na concepção de criança como produtora de cultura, cidadã de direitos; na formação de professores numa perspectiva cultural, onde leitura e escrita têm*

papel central (Kramer, 2001). Estes fundamentos foram delineados a partir de referencial bibliográfico específico de cada eixo de estudo (Azevedo, Campos, Celisara, Cury, Faria, Ferreiro, Freitas, Freire, Giroux, Jobim e Souza, Kappel, Kischimoto, Konder, Kramer, Lanter, Machado, Miranda, Moreira, Pasolini, Pinto, Rosemberg, Sarmiento, Sacristán, Soares entre outros) mas tem como suporte metodológico a perspectiva sócio-histórica, dialética e humana dos estudos da linguagem supra-citados. Este suporte está presente em todos os passos dessa pesquisa que, partindo da análise de diferentes fontes, cada qual com seus discursos, pretende compor um cenário da educação infantil na rede municipal do Rio de Janeiro, cotejando concepções de infância, de linguagem e de Educação Infantil, procurando observá-las nas práticas às vezes conflitantes e contraditórias.

A pesquisa, além de revisão bibliográfica e análise de documentos, se valeu de entrevistas semi-estruturadas e de observações em duas turmas de Educação Infantil, de duas escolas da rede municipal. Foram realizadas três entrevistas no nível central da SME- Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, com as responsáveis pela Educação Infantil, uma no nível central da SMDS- Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro, com o responsável pelo Projeto Rio Creche, seis entrevistas no nível regional das CREs- Coordenadorias Regionais de Educação, com a equipe que acompanha a Educação Infantil nas DED- Divisão de Ensino. Nas duas escolas, além de 40 horas de observação em cada uma, foram feitas também entrevistas com a equipe de direção e com as professoras.

O trabalho foi organizado num duplo movimento de abrir e fechar o foco. No primeiro Capítulo – Infância, história, sociedade e cultura - com o objetivo de traçar um panorama sobre a infância, para melhor situá-la na história, na sociedade e na cultura e poder compreendê-la e agir criticamente com ela, tanto na esfera macro, traçando políticas para a infância, quanto na micro, pensando a criança no seu cotidiano, abro o foco para uma discussão sobre a construção histórica e social da infância. Fecho o foco para a situação da infância no Brasil e para os desafios postos hoje aos sistemas educacionais para garantir o direito à Educação Infantil de qualidade aos cidadãos de pouca idade.

No segundo Capítulo – Infância, linguagem e letramento: questões para a educação infantil - entendo que homem, por ter uma infância, não foi sempre falante e precisa apropriar-se da linguagem como forma de se colocar no mundo e de fundar a sua historicidade, abro o foco às questões de linguagem que se

relacionam à infância e à própria constituição do sujeito, fazendo indagações e propostas para uma Educação Infantil que pense a criança como sujeito inserido na cultura, produtor de cultura. Fecho o foco, trazendo a centralidade da linguagem escrita no mundo contemporâneo e a ênfase dada a ela na escola, desde a Educação Infantil. Discuto infância e letramento, os processos de construção da escrita pelas crianças e termino pensando limites e possibilidades da literatura infantil para crianças de zero a seis anos, já que os livros infantis têm feito parte do cotidiano de creches e pré-escolas.

No terceiro Capítulo – Educação Infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro – com o objetivo de entender quem são as crianças que freqüentam as turmas de Educação Infantil da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, abro o foco situando historicamente a cidade e sua evolução urbana. Fecho o foco traçando um panorama da cobertura do atendimento da Educação Infantil, na rede municipal, nas cinco Áreas de Planejamento – AP da cidade. Depois, abro novamente o foco para a história da Educação Infantil no município, discutindo as políticas públicas para a educação da primeira infância, ao longo das últimas décadas e suas formas de implementação, e fecho o foco discutindo as questões atuais da Educação Infantil da rede municipal de Educação, nas três instâncias: macro - nível central, meso - nível regional das Coordenadorias Regionais e micro - escolas e turmas de Educação Infantil.

Foi minha opção ir da dimensão macro para micro, das políticas à sala de aula. Se por um lado, esta abrangência corre o risco da incompletude, por outro, traça um panorama da paisagem. Como afirma Benjamin (1993 p.16) *a força da estrada do campo é uma se alguém anda por ela, outra se a sobrevoa de aeroplano*. No caminhar pela estrada, se detêm no terreno do entorno, no sobrevoar de aeroplano, se vê como a estrada se insinua. No vôo, perdem-se os detalhes de cada reentrância, pois se obedece ao movimento do *reino aéreo*. São escolhas. E pesquisas são aproximações sucessivas da realidade. A totalidade é apenas um instantâneo, uma parte da realidade sempre dinâmica e inacabada. Assim, nessa perspectiva, esta tese tem como intenção que as análises e discussões provoquem novas respostas e indagações para se pensar as políticas públicas para a Educação Infantil, a formação de seus profissionais e as práticas de sala de aula, especialmente as que envolvem linguagem e letramento, de forma que sejam garantidos o acesso, a permanência e a qualidade do ensino oferecido às crianças de 0 a 6 seis de idade que habitam a cidade maravilhosa.